

"Estamos completamente comprometidos com os israelenses. Nem sequer falamos com os palestinos."

Jimmy Carter, ex-presidente dos EUA e prêmio Nobel da paz, ontem em entrevista no rádio, acusando o presidente George W. Bush, de abandonar os esforços de paz no Oriente Médio.

Imagens do Rio: reformas, choques e amortecedores



MARCELO
CÔRTE
NERI

O Rio é um estado voltado mais para fora do que para dentro. O nome dos principais jornais locais, "Jornal do Brasil" e "O Globo", refletem o interesse cosmopolita fluminense. O título dos jornais de outros estados fazem, em geral, referência a respectiva unidade da federação. O Rio é vocacionado para questões nacionais, é um estado voltado para o mar. A importância atribuída ao turismo e ao porto do Rio reflete isto.

A recíproca também é verdadeira. Os olhos do Brasil e do mundo também se voltam com frequência para o Rio. Isto desde os tempos quando o Rio era Corte. A presença da sede da Rede Globo reforça a visibilidade da vitrine carioca. As imagens do Rio, nem sempre aquelas que causam orgulho local, são transmitidas ao vivo e a cores para o resto do país. Por exemplo, ainda é muito comum hoje, mesmo depois da decadência futebolística fluminense, moradores de outros estados torcerem ativamente por um clube do Rio. A diferença é que esta paixão pelo futebol carioca tem sido no período recente motivo de desapontamento.

Discutimos aqui algumas peculiaridades da forma como o Rio se relaciona com o exterior. De maneira geral, o desempenho econômico e social relativo de uma dada localidade depende de duas ordens de fatores, a saber: i) das inovações específicas ocorridas na região em questão, decorrentes de circunstâncias ou políticas locais, sejam públicas ou privadas, ii) de mudanças no ambiente externo que, por sua vez, dependem da intensidade e natureza dos choques externos e de como estes choques se fazem sentir no nas diversas localidades. Tratamos apenas desta última questão. Isto é, discutimos alguns canais pelos quais o Rio é afetado por inovações no Brasil e no mundo.

O Rio é o mais metropolitano dos estados brasileiros: 76% da população fluminense mora no Grande Rio. Esta estatística corresponde ao dobro da proporção dos estados com áreas metropolitanas. Como se sabe, os habitantes das grandes cidades tendem a compartilhar uma visão mais cosmopolita.

Mas nos tempos recentes, de crise nas grandes cidades brasileiras e de expansão de programas sociais nas áreas rurais, este viés metropolitano contribui para aumento de violência, desemprego e favelização do estado.

A perda de atratividade de um lugar pode ser captada pelo fluxo voluntário de pessoas. Dados de imigração da PNAD 2001, apontam o Rio com o me-

nor fluxo relativo de imigrantes de outros estados brasileiros. Na comparação de prazos de imigração Rio versus os demais estados do Brasil temos: chegados há menos de um ano 0,3% contra 0,62%; entre 2 e 4 anos 0,56% contra 1,01%; entre 5 e 9 anos 0,76% contra 1,25%.

O Rio de Janeiro apresenta uma alta sensibilidade em relação a determinados elementos pacote de reformas estruturais aplicadas no Brasil e em outras partes do mundo.

Em primeiro lugar, o estado apresenta uma proporção relativa de funcionários públicos federais 140% acima da média nacional, constituindo uma espécie de Brasília. Este tipo de característica magnífica o impacto local da reforma administrativa e da privatização.

Em segundo lugar, o estereótipo do Rio como um balneário de jovens bronzeados não resiste à análise da distribuição etária da população local. A proporção local de pessoas com idade superior a 65 anos é 35% acima da do Brasil. O sol carioca parece aquecer mais idosos do que jovens, o que corresponderia a uma espécie de Flórida brasileira. Em termos de reformas, ajustes nos benefícios pagos a aposentados e pensionistas de hoje tendem a afetar especialmente o Rio. Cerca de 12% da renda local advém de pensões e aposentadorias, superando a estatística de qualquer unidade da federação brasileira.

Agora, mais do que uma área de velhos e de funcionários públicos, o Rio constitui abrigo de velhos funcionários públicos, uma mistura de Flórida e Brasília*. Heranças da ex-capital brasileira de clima ameno aos idosos. A concessão de benefícios a servidores públicos locais — basicamente previdência — como participação no PIB do estado eram 112,7% maiores que no resto do país.

Como consequência, as transferências a título de gastos sociais de origem federal para o estado do Rio eram 19% superiores as do conjunto de estados

O Rio tem nos royalties do petróleo um amortecedor contra incertezas incorporadas nos preços do dólar e do petróleo

brasileiros. 70,3% dos benefícios previdenciários totais auferidos pela população fluminense são superiores a um salário mínimo contra 45,6% do conjunto do Brasil. Neste aspecto, tal como no caso da proporção de funcionários públicos ativos em relação aos ocupados, o Rio só fica abaixo de Brasília.

Por outro lado, alguns dos demais elementos da agenda de reformas, como a abertura comercial, impactam relativamente menos o Rio. A participação de setores transacionáveis como in-

dústria e agricultura na ocupação do estado é de 14,1% contra 20,5% da média nacional. O problema é que a atual agenda prospectiva da sociedade brasileira parece ser aumento de barreiras alfandegárias, políticas industriais e agrícolas. O setor de serviços, central no caso do Rio, tem sido órfão dessas preocupações.

Agora, existem algumas razões para os fluminenses ficarem um pouco menos preocupados com a conjuntura de dólar a quatro reais e de iminência de conflito dos Estados Unidos com o Iraque, o que elevaria as alturas o preço do barril de petróleo. O recente acordo dos royalties do petróleo firmado pelo Rio é indexado ao preço do petróleo em dólares. De forma que se a conjuntura nacional/internacional desandar, o estado do Rio de Janeiro (do Texas) tem uma espécie de estabilizador (propulsor) automático.

Em suma, os royalties funcionam como um amortecedor contra as incertezas embutidas nas cotações do dólar e do petróleo.

Marcelo Côrtes Neri, Ph.D. em economia por Princeton, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às terças-feiras.
E-mail: mcneri@fgv.br

* "Reformas em Flórida", publicado no Jornal do Brasil em 20/05/2000.